

# *A câmara escura*

## *Alienação e estranhamento em Marx*

Jesus Ranieri

São Paulo, Boitempo, 2001

PATRIZIA PIOZZI\*

Trazendo no título a famosa metáfora ótica que abre a *Ideologia alemã*, o livro de Ranieri focaliza escritos cruciais na gênese do ideário marxiano, buscando retratar o percurso que, da crítica idealista da dialética hegeliana, desemboca numa concepção antropológica e histórica original.

Seguindo a construção arquitetônica dos capítulos, dedicados sucessivamente ao exame de *Os manuscritos de Paris* (1844), *A sagrada família* (1844) e *A ideologia alemã* (1846), o leitor visualiza, numa ordem lógica e cronológica, os passos que vão configurando a nova teoria, gestada pela incorporação e, ao mesmo tempo, progressiva ruptura com a herança de Hegel. Sem nunca subestimar a enorme dívida de Marx com a lógica que informa a ordenação das épocas históricas no sistema

do mestre, nem as substantivas contribuições dos “jovens hegelianos” no desvelamento das ilusões inscritas no pensar religioso e especulativo, o autor centraliza-se em pontuar, em cada obra examinada, o movimento pelo qual a concepção histórica materialista vai se distinguindo e separando de suas principais matrizes teóricas.

Em seu viés interpretativo, esse distanciamento, iniciado nos *Manuscritos*, dos quais o trabalho emerge como elemento nucleador do ser homem, adquire contornos mais definidos em *A sagrada família*, no qual Marx, negando ao saber filosófico o papel de artífice privilegiado da emancipação humana e resgatando a memória da ação das massas, enraíza a dialética no terreno dos interesses e das lutas materiais. Enfim, na crítica à *Ideologia alemã*, a análise

---

\* Professora da Faculdade de Educação da Unicamp.

das formas de produção e reprodução da vida e das relações e oposições geradas incessantemente nesse processo adquire o estatuto de uma ciência da sociedade e da história, em cujo modelo explicativo as concepções idealistas de alienação figuram como parte dos fenômenos que pretendem esclarecer: por uma inversão semelhante àquela provocada pelo mecanismo da “câmara escura”, seu olhar enxerga a realidade como fruto das idéias e não vice-versa.

O papel central do trabalho na constituição ontológica e histórica do homem revela, no trabalho de Ranieri, o fio condutor para se compreender, ao longo das três obras, o movimento de apropriação e, concomitantemente, negação e reelaboração do conceito de estranhamento, seja na acepção idealista, seja na perspectiva materialista que brota da crítica de Feurbach a Hegel. A narração hegeliana, mesmo recuperando o papel da natureza e do trabalho coletivo, concebe a “objetividade” do mundo físico e das relações sociais exclusivamente como manifestação da “consciência ideal”, enquanto Feurbach, ao reconhecer nas entidades espirituais e metafísicas que povoam o pensamento religioso e especulativo os produtos fantasmagóricos da sensibilidade e do entendimento humano, estabelece a origem “corpórea” da alienação, sem porém vincular os seus conteúdos às práticas sociais concretas dos diferentes grupos e indivíduos.

Em contraste com o empirismo a-histórico de Feurbach, que acaba atribuindo exclusivamente à “cabeça” a

criação e crítica das ilusões que a dominam como poderes autônomos, as teses desenvolvidas por Marx incidem no cerne do idealismo, na medida em que, nelas, as elaborações do pensar e sentir humanos têm sua base material nas formas históricas de produção e distribuição do excedente econômico. Neste enfoque, o estranhamento (*entfremdung*) vincula-se intrinsecamente à apropriação privada e desigual dos produtos do trabalho, atingindo sua forma mais extrema e universal na sociedade mercantil moderna, em que o proletário perde radicalmente o controle sobre sua atividade. Perpassado e constituído pela oposição dos interesses materiais, o processo de estranhamento se opõe e, ao mesmo tempo, convive contraditoriamente com a “exteriorização” (*entäusserung*) na atividade, forma própria de realização objetiva do homem enquanto ser natural e social. Já patente, nos *Manuscritos* de 1844, na polarização dramática entre capitalista e operário e nas imagens do futuro “reino da liberdade”, inscrevendo-se, nas obras posteriores, na concepção “materialista” do processo histórico, a distinção entre “objetivação” e “estranhamento” permite compreender a resolução da crítica filosófica em crítica da economia política e a associação da emancipação da consciência à revolução comunista.

Empenhado em mostrar “a natureza das relações sociais alicerçadas na objetividade, e o lugar que esta última ocupa na formação do ser social”, o trabalho de Ranieri é uma importante con-

tribuição não apenas para o debate em torno do tema da alienação na obra juvenil de Marx, mas, também, para aqueles que investigam o nexo entre os meios físicos e simbólicos de dominação e libertação, em busca das condições de possibilidade de uma reviravolta nos rumos do mundo contemporâneo. Ao “redescobrir” e legitimar a origem material das representações da consciência insere-se, de forma intrigante e polêmica, num debate já histórico entre as correntes intelectuais da esquerda contemporânea: por um lado, acentua a separação entre ideologia e ciência, incorrendo, em alguns momentos, no

risco de avaliações redutoras, como quando arrola, entre os méritos de Mézsáros, o ter mostrado

a determinação social burguesa como a base elitista de boa parte da escola sociológica européia desde Max Weber até Jurgen Habermas, passando por Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Raymond Aron;<sup>1</sup>

por outro lado, em nenhum momento abandona a perspectiva utópica e humanista da teoria de Marx, reafirmando suas raízes no racionalismo crítico do século XVIII e na grande “filosofia especulativa alemã”.

---

<sup>1</sup> O comentário, em nota de rodapé, refere-se à obra de István Mézsáros, *O poder da ideologia*, São Paulo, Ensaio, 1996, p. 119-20.

PIOZZI, Patrizia. Resenha de: RANIERI, Jesus. A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 15, 2002, p. 163-165.

***Palavras-chave:*** Alienação; Estranhamento; Dialética hegeliana; Jovem Marx.